



A exposição *Umas e Outras* de Lenora de Barros foi realizada em São Paulo pelo Pivô em parceria com a galeria Millan. Março / Maio de 2014
The exhibition "Umas e Outras" by Lenora de Barros is realized in partnership with Galeria Millan. March / May 2014

**Umas e Outras* foi produzida originalmente para a Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro, em agosto/outubro de 2013, sob a curadoria de Glória Ferreira.
**Some and Others* was originally produced for Casa de Cultura Laura Alvim, in Rio de Janeiro in august/october 2013, and curated by Glória Ferreira

LENORA DE BARROS

Umas e Outras | *Some Others*

A exposição de Lenora de Barros agrega elementos visuais e performance sonora, trazendo uma série de 65 colunas publicadas no *Jornal da Tarde*, de 1993 a 1996. Filha de Geraldo de Barros conviveu desde criança com os poetas concretos. Sua obra, entre linguagem, imagem e som, guarda relações também com a arte pop, com o grupo Fluxus, com o neoconcretismo e também com o viés conceitual, sem esquecermos o rock'n'roll. "O trabalho de Lenora", afirma Augusto de Campos, "se expandiu da poesia visual escrita – *Onde Se Vê* (1983) – para o universo aberto das videoformas, (...) a palavra visualmente intensificada, trazida à flor da pele, verbocorpoidentificada, plasmada em biometáforas sensoriais – rosto, gesto, voz".

São conhecidos seus trabalhos como *Poema* (1979), em que lambe, com a própria língua, as teclas de uma máquina de escrever ou ainda *Procuo-me* (2001), no qual, com diferentes perucas, olhos arregalados e a frase "procuo-me", faz referência direta ao FBI, mas também a Duchamp e seu *Wanted*. Esse trabalho foi publicado no antigo suplemento *Mais!* da Folha de S. Paulo, logo após o 11 de Setembro de 2001. Na obra de Lenora, poesia, artes performáticas e artes plásticas "se juntam em uma síntese única sob o signo da objetividade fotográfica", assinala Tadeu Chiarelli. O esgarçamento das fronteiras entre as linguagens, iniciado com as vanguardas do século XX, radicaliza-se nos anos 60/70, quando Lenora começa seus trabalhos. Convive com os poetas concretos quando eles já não faziam poesia concreta no seu sentido radical e ortodoxo, e deles Lenora herda e incorpora certo domínio construtivo, de rigor e, sobretudo, o tratamento verbivocovisual. Caro a esses poetas, o conceito retirado de *Finnegans Wake*, de James Joyce, reitera uma relação entre palavra, imagem e som. Em Lenora, num contexto de artes visuais, ele se estende à imagem e não apenas à palavra.

"Poesia é Coisa de Nada", seguida da frase invertida, diz a artista em uma das colunas "...Umas". Com requintada diagramação gráfica realizada por ela mesma, essas colunas publicadas no jornal indicam diferentes horizontes. Uma espécie de ateliê, de galeria, diz ela, pois vários dos seus trabalhos derivaram de coisas feitas para publicar, como, por exemplo, "*De Olho na Mão*" que apresenta diferentes fotos de pessoas publicamente conhecidas com as mãos nos olhos e a poesia: "a mão que tapa / o tato /do olho/ não vê / que o olho / não vive / sem toque". Coluna que dá origem a seu vídeo *Não Quero Nem Ver* (2005), apresentado na Bienal do Mercosul no mesmo ano, quando começa de fato a acompanhar a edição, enfim a ter voz ativa na realização dos vídeos. As colunas versam também sobre outros temas, em que a poesia visual é forte, por exemplo, "*Happy New Ear*", com os escritos "feliz ouviu novo feliz olho novo feliz boca nova feliz nariz novo", até o final da coluna, retomando uma frase de John Cage. Ou "*Amnésia 42 MP*", com um desenho de um disquete de computador e a escrita: "a memória / de minha / memória / apagou-se de si / para esquecer-se de mim". E, ainda, o texto "*Há Mulheres*", depois transformado em vídeo com o mesmo nome, em que uma reflexão feminina é escrita e dita: "Há mulheres que pensam a partir da imagem da ideia. Há mulheres que pensam a partir do corpo da ideia. Há mulheres que pensam a partir da imagem de corpo. Há mulheres que pensam a partir do corpo da imagem. Há mulheres que pensam. Há mulheres que são".

Com humor e domínio da história da arte, Lenora comenta trabalhos de diferentes artistas, sobretudo nas colunas dedicadas à crítica, às vezes sobre um só artista, outras, mesclando vários. São críticas poéticas. Artistas como Lygia Clark, Duchamp, John Cage, Yoko Ono, com colunas exclusivas ou não, são recorrentes, abordando vários outros, entre os quais Giacometti, Oldenbourg, Jasper Johns, Michael Heizer, Hélio Oiticica, Piero Manzoni, George Segal. Essas colunas deram origem ao livro *Crítica de arte – Livro Primeiro*, apresentado, mas ainda não editado, em versão bilíngue, cuja capa é "*Jogo de damas*", trazendo os dizeres "Como dois números um divididos por si mesmos revivem singulares destinos desespeçados." De certa maneira, podemos ver em "*Umas e Outras*" um desenvolvimento dessas colunas, como idas e voltas de questões, processo sempre presente na sua poética. Em um vídeo tríplice, da série *Jogo de damas*, realiza performances vocais de textos criados por ela na coluna "...Umas", em diálogo com a obra de outras artistas, entre elas Lygia Clark, Cindy Sherman e Yoko Ono. O som desse vídeo permanece aberto em diálogo com o do vídeo seguinte. Em outro vídeo díptico, *Em Si as Mesmas*, a artista joga damas consigo mesma, com tratamento sonoro específico, e som aberto que amplifica os ruídos emitidos pelas peças no tabuleiro e o próprio andar da artista em no chão sujo de areia do espaço em reforma. Os vídeos, realizados por David Pacheco e editados por Rodrigo Lima, e com tratamento sonoro de Rodrigo Marçal, realizam o desespeçamento comentado por Lenora em seu livro de crítica.

Embora não se considere uma videomaker, ou trabalhe o vídeo como linguagem, ela tem sempre um pré-roteiro, uma "pequena narrativa", participa da edição, construindo uma performance editada. *Jogo de Damas* e *Em si as Mesmas* são trabalhos operando o verbivocovisual, com atenção à materialidade dos signos em todos os seus ângulos, como os aspectos semânticos, a oralização e os aspectos visuais com especial atenção à estruturação gráfica.

"Umas e outras" cria uma situação em que a artista se desdobra em lenoras, jogando em múltiplas posições, transitando em várias "elas". "Desreconstrução do eu e do ser", recorrendo uma vez mais a Augusto de Campos.

*Lenora de Barros's exhibition gathers visual elements and sound performance, with a series of 65 columns published in Jornal da Tarde from 1993 to 1996. Daughter of Geraldo de Barros, as a child she was already acquainted with Concrete poets. Her work, which can be placed somewhere between language, image and sound, can also be related to Pop Art, the group Fluxus, Neoconcretism and conceptual art, not to mention Rock'n'Roll. "Lenora's work," affirms Augusto de Campos, "has expanded from written visual poetry – Onde Se Vê ("Where One Can See") (1983) – towards the open universe of videoforms, [...] visually intensified words, brought to the surface, verb-body-identified, shaped in sensory biometaphors – face, gesture, voice."*¹

*Among her well-known works are Poema (1979), in which she licks the keyboard of a typewriter, or Procuro-me Wanted by Myself (2001), in which she appears wearing different wigs, wide-eyed, with the words "wanted by myself," in direct reference to the FBI, but also to Duchamp's Wanted. This work was published in the old newspaper supplement Mais! of Folha de S. Paulo, shortly after September 11, 2001. In Lenora's work, poetry, the performing arts and plastic works "are brought together in a single synthesis under the sign of photographic objectivity," as pointed out by Tadeu Chiarelli.*²

The blurred boundaries between different languages, initiated by twentieth-century avant-garde movements, became more radical in the 1960/70s, at the beginning of Lenora's career. She met Concrete poets when they no longer wrote Concrete poetry in its most radical and orthodox form, from them she inherited and incorporated a certain constructive mastery, rigour and, above all, the verbivocovisual language. So dear to those poets, this concept taken from James Joyce's Finnegans Wake, reasserts the connection between words, images and sound. In Lenora's visual arts context, it extends towards images, not only words.

"Poetry Is Something From Nothing", followed by the reversed sentence, the artist wrote in one of her "...Umas" columns. Exquisitely laid out by Lenora herself, those columns published in the newspaper indicate different perspectives. A kind of studio or gallery, she says, for several of her works derived from things made to published, like, for example, "De Olho na Mão" ("With One Eye on the Hand") which presents several photographs of famous people covering their eyes with their hands, and the poem: "The hand / That covers / The touch / Of the eye / Cannot see / The eye / Doesn't live / With no touch". "This column originated her video Não Quero Nem Ver (I Don't Want to See Nothing) (2005), displayed at the 5th Mercosul Biennial in the same year, when she started to really follow the work of video editing, finally having an active voice in the making of her videos. The columns deal with other themes as well, where visual poetry is very strong, like for example, "Happy New Ear", with the sentence "happy new ear happy new eye happy new mouth happy new nose," repeated in the entire column, revisiting a sentence by John Cage. Or "Amnésia 42 MP", with the drawing of a floppy disk and the words: "the memory / of my / memory / was erased from itself / to forget me." And also the text "Há Mulheres" ("There are women"), later transformed into a video with the same title, in which the thoughts of a woman are written and uttered: "There are women who think from the body of the idea. There are women who think from the body of the image. There are women who think. There are women who are."

Humorously and with full mastery of Art History, Lenora comments on works by different artists, mainly in her criticism columns, sometimes about only one artist and sometimes about several at the same time. Her critiques are poetic. Artists such as Lygia Clark, Duchamp, John Cage, Yoko Ono, with exclusive columns or not, are recurring, and she talks about many others, including Giacometti, Oldenbourg, Jasper Johns, Michael Heizer, Hélio Oiticica, Piero Manzoni, and George Segal. These columns originated the book Crítica de Arte – Livro Primeiro (Art Criticism – First Book), presented, but not yet published, in a bilingual version, with Game of Checkers as the cover image, with the words "How two numbers one divided by it selves revives singularly destinies dis-mirrored". In a way, we can see in "Umas e Outras" a development of her columns, with recurring issues, a process always present in her poetics. In a three-channel video of Jogo de Damas (Game of Checkers) series, especially created for this exhibition, she does vocal performances of her own texts written for the column "...Umas", dialoguing with the work of other artists, including Lygia Clark, Cindy Sherman and Yoko Ono. The sound of the video can be heard while watching the next video, in a form of dialogue. In a two-channel video, Em Si as Mesmas (In Themselves the Same), also produced for the exhibition, she plays checkers with herself, with a specific sound treatment, where the sounds of the pieces touching the board and the artist walking on a floor covered in sand in a building under renovation are amplified. The videos, made by David Pacheco, edited by Rodrigo Lima, with sound treatment by Rodrigo Marçal, carry out the un-mirroring mentioned by Lenora in her criticism book.

Although she does not regard herself as a videomaker, or work with video as a language, she always has a pre-script, a "little narrative," taking part in editing, thus creating an edited performance. Jogo de Damas and Em si as Mesmas are works that operate the verbivocovisual, with an eye on the materiality of the signs in all their angles, like semantic spectra, oralisation and visual aspects, with special attention to graphical structure.

*"Umas e Outras" creates a situation in which the artist unfolds into lenoras, playing in multiple positions, moving from one "she" to another. "Dereconstruction of self and being," to quote Augusto de Campos once again.*³

Glória Ferreira.

Créditos das obras | *Artwork Credits:*

1. Em si as mesmas | *In themselves the same*, 2013
9'32" (loop)
direção | *direction*: David Pacheco
edição | *editing*: Rodrigo Lima
direção de fotografia | *photograph direction*: David Pacheco
câmera | *camera*: Bruno Risas
assistente de câmera | *camera assistant*: Alice Drummond
eletricista | *electricity technician*: Luiz Paulo Xein
som direto | *direct sound*: Fernando Russo
edição de som | *sound edition*: Rodrigo Marçal
correção de cor | *color correction*: Fabrício Batista
produção | *production*: NeoNômades Filmes

2. Jogo de damas | *Checkers game*, 2013
14'14" (loop)
Idem crédito 1 | *Idem credits 1*

3. "... Umas" | "... Some", 2013
colunas publicadas semanalmente no *Jornal da Tarde*, em São Paulo, entre 1993/1996
Newspaper columns published weekly by Jornal da Tarde, São Paulo, between 1993/1996

4. Jogo de Damas (da série Crítica de arte)
Checkers - Art Review - BOOK FIRST
1993-1996 / 2010-2013

5. Duplicar imagens / *Duplicate images*
1996 / 2011
instalação sonora / *sound installation*
Som / *sound* Cid Campos MC2 Studio